BRICS, a geopolítica e o papel da China: o conflito destacou a necessidade de os BRICS acelerarem a transição para as energias renováveis; mudarem para o pagamento do petróleo em moedas locais; e a operacionalizarem uma plataforma de pagamentos do grupo

Los BRICS, la geopolítica y el papel de China: el conflicto exige que los BRICS aceleren la transición a las energías renovables, adopten los pagos del petróleo en monedas locales y pongan en marcha una plataforma de pagos conjunta

BRICS, geopolitics and China's role: the conflict highlighted the need for the BRICS to accelerate the transition to renewable energy; a shift to paying for oil in local currencies and to operationalize a group payment platform

Claudia Hoirisch

Resumo: O BRICS coopera em diversas áreas e não exige alinhamento geopolítico entre seus membros. Na verdade, a flexibilidade tem sido uma de suas características definidoras. A guerra dos EUA e Israel contra o Irã pode testar os limites dessa flexibilidade na prática. Grandes crises geopolíticas tendem a comprimir o sistema internacional, forçando os países para um posicionamento político mais claro. Embora muitos países prefiram a ambiguidade estratégica, conflitos prolongados podem tornar a neutralidade cada vez mais difícil de manter, afinal estão em jogo mercados de energia, rotas comerciais marítimas e sistemas financeiros. O bloco inclui países com tradições de política externa e relações de segurança muito distintos. Individualmente, quatro de seus cinco membros-fundadores, o BRIC, emitiram declarações lamentando perdas iranianas e denunciando violações do direito internacional. Somente a Índia não condenou abertamente os ataques dos EUA e de Israel contra o Irã por possuir relações com os EUA e Israel e depender do fornecimento de energia do Oriente Médio. Por estar em posição de equilíbrio mais cautelosa, sob sua presidência, o BRICS se manteve silencioso sobre a guerra. Até a semana anterior a este informe, os países do Golfo e membros do BRICS o momento, Arábia Saudita e Emirados, aliados dos EUA, haviam proibido o uso de suas bases militares americanas ou espaço aéreo caso um ataque ao Irã prosseguisse. O conflito destacou a necessidade de os BRICS acelerarem a transição para as energias renováveis; impulsionarem uma mudança mais rápida para o pagamento do petróleo em moedas locais entre seus membros e a colocarem em prática uma plataforma de pagamentos do grupo, visando reduzir a dependência de sistemas financeiros ocidentais como o SWIFT e, ao mesmo tempo, que garanta uma resiliência contra sanções. O grupo continua sendo a única plataforma capaz de reunir os recursos de uma parcela da humanidade que se recusa a viver sob o domínio do capitalismo americano, mas isso exige um organizador e integrador. Somente a China pode desempenhar esse papel. Será que ela está disposta?

Palavras-chave: BRICS. Conflito EUA-Israel x Irã. Transição para energias renováveis. Mudança para o pagamento do petróleo em moedas locais. plataforma de pagamentos dos BRICS. China. Multilateralismo.

Resumen: *Los BRICS cooperan en diversas áreas y no requieren alineación geopolítica entre sus miembros. De hecho, la flexibilidad ha sido una de sus características definitorias. La guerra entre Estados Unidos e Israel contra Irán podría poner a prueba los límites de esta flexibilidad en la práctica. Las grandes crisis geopolíticas tienden a comprimir el sistema internacional, obligando a los países a adoptar una postura política más clara. Si bien muchos países prefieren la ambigüedad estratégica, los conflictos prolongados pueden dificultar cada vez más el mantenimiento de la neutralidad, ya que están en juego los mercados energéticos, las rutas comerciales marítimas y los sistemas financieros. El bloque incluye países con tradiciones de política exterior y relaciones de seguridad muy distintas. Individualmente, cuatro de sus cinco miembros fundadores, los BRICS, emitieron declaraciones lamentando las pérdidas iraníes y denunciando las violaciones del derecho internacional. Solo India no condenó abiertamente los ataques de Estados Unidos e Israel contra Irán debido a sus relaciones con ambos países y a su dependencia del suministro energético de Oriente Medio. En una posición de equilibrio más cautelosa, bajo su presidencia, los BRICS guardaron silencio sobre la guerra. Hasta la semana anterior a este informe, los países del Golfo y los BRICS, Arabia Saudita y los Emiratos Árabes Unidos (aliados de EEUU), habían prohibido el uso de sus bases militares o espacio aéreo estadounidenses en caso de un ataque contra Irán. El conflicto exige que los BRICS aceleren la transición a las energías renovables, adopten los pagos del petróleo en monedas locales y pongan en marcha una plataforma de pagos grupal destinada a reducir la dependencia de los sistemas financieros occidentales como SWIFT, al tiempo que garantizara la resistencia frente a las sanciones. El grupo sigue siendo la única plataforma capaz de aunar los recursos de un segmento de la humanidad que se niega a vivir bajo el dominio del capitalismo estadounidense, pero esto requiere un organizador e integrador. Solo China puede desempeñar este papel. ¿Acaso desea desempeñarlo?*

Palabras clave: *BRICS. Conflicto entre EE.UU.-Israel vs. Irán. Transición a las energías renovables. Cambio al pago del petróleo en monedas locales. Plataforma de pagos de los BRICS. China. Multilateralismo.*

Abstract: *BRICS cooperates in diverse areas and does not require geopolitical alignment among its members. In fact, flexibility has been one of its defining characteristics. The US-Israeli war against Iran may test the limits of this flexibility in practice. Major geopolitical crises tend to compress the international system, forcing countries into a clearer political stance. Although many countries prefer strategic ambiguity, prolonged conflicts can make neutrality increasingly difficult to maintain, as energy markets, maritime trade routes, and financial systems are at stake. The bloc includes countries with very distinct foreign policy traditions and security relations. Individually, four of its five founding members, BRIC, issued statements lamenting Iranian losses and denouncing violations of international law. Only India did not openly condemn the US and Israeli attacks against Iran because it has strong relations with the US and Israel and depends on energy supplies from the Middle East. India, under BRICS presidency this year, is keeping in a cautious position of balance, remaining silent on BRICS position during the war. Until the week prior to this report, the Gulf countries-BRICS members, Saudi Arabia and the United Arab Emirates, despite being US allies, had prohibited the use of their American military bases or airspace should an attack on Iran proceed. The conflict highlighted the need for the BRICS to accelerate the transition to renewable energy; to promote a faster shift to oil payments in local currencies among its members; and to implement a payment platform aimed at reducing dependence on Western financial systems like SWIFT while ensuring resilience against sanctions. The group remains the only platform capable of bringing together the resources of a segment of*

humanity that refuses to live under the dominion of American capitalism, but this requires an organizer and integrator. Only China can play this role. Does it want this role?

Keywords: *BRICS. US-Israel conflict vs. Iran. Transition to renewable energy. Shift to payment for oil in local currencies. BRICS payment platform. China. Multilateralism.*

Duas semanas após o início do conflito EUA e Israel contra o Irã e seu transbordamento para o Golfo Pérsico, os países do BRICS não haviam emitido qualquer declaração conjunta.

Individualmente, quatro de seus cinco membros-fundadores emitiram declarações lamentando perdas iranianas e denunciando violações do direito internacional.

O governo **brasileiro**, via Itamaraty, condenou os ataques de EUA e Israel contra o Irã, defendeu a via diplomática e o direito internacional para resolver o conflito. O Brasil apelou à máxima contenção para evitar a escalada na região e expressou grave preocupação com os impactos da ação militar.

O presidente **russo** Putin, criticou os ataques conjuntos dos EUA e Israel e o assassinato do líder iraniano, Khamenei. Moscou e Teerã mantêm laços estreitos, com a Rússia fornecendo armas e armamentos ao Irã. No entanto, Moscou não demonstrou qualquer disposição para intervir militarmente em apoio ao Irã.

Em uma coletiva de imprensa, o chanceler Lavrov da Rússia, afirmou que não havia evidências de que Teerã estivesse desenvolvendo armas nucleares e que a guerra poderia levar justamente ao resultado que os dois aliados alegavam querer evitar: a proliferação nuclear em toda a região. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia acusou os EUA e Israel de atos premeditados e não provocados de agressão armada contra um Estado-membro soberano e independente da ONU. Mas a própria Rússia é acusada de agressão contra uma nação soberana, em meio ao seu quinto ano de guerra contra a Ucrânia.

O chanceler da **China**, Wang Yi, disse ao seu homólogo israelense, que o Irã havia sido atacado enquanto as negociações entre Washington e Teerã obtinham progressos significativos, inclusive no que diz respeito às preocupações de segurança de Israel. Wang acrescentou que a China se opõe a quaisquer ataques militares lançados por Israel e pelos EUA contra o Irã.

A **China** defende a mediação, não o envolvimento militar. A resposta de Pequim foi optar por uma postura cautelosa e equilibrada, com ênfase na desescalada. Para a China, a unidade do BRICS é importante, e as diferenças são normais dentro de uma estrutura multilateral diversificada. Pequim continua a encorajar os países BRICS a defenderem o seu propósito fundador: apoiar o multilateralismo, a resolução pacífica de conflitos e a voz coletiva do Sul Global.

Ramaphosa, presidente da **África do Sul**, expressou preocupação com o conflito e alertou que os combates podem se estender para além do Oriente Médio. O Congresso Nacional Africano (ANC), partido político do presidente, divulgou um comunicado condenando a autodefesa antecipatória baseada em suposições/conjecturas dos EUA e de Israel. Ramaphosa acrescentou que a África do Sul está pronta para desempenhar um papel de mediadora para ajudar a resolver a questão e pôr fim à perda de vidas. O país foi alvo de críticas dos EUA no início de janeiro, quando o Irã foi autorizado a participar dos exercícios navais do BRICS

organizados pela África do Sul, em meio a relatos de brutais repressões a manifestantes iranianos.

Dos membros fundadores, apenas a **Índia** não condenou abertamente os ataques dos EUA e de Israel contra o Irã. Sob sua presidência, o BRICS se manteve silencioso sobre a guerra. Dias após os primeiros ataques atingirem Teerã, matando Khamenei e vários altos funcionários militares do Irã, Nova Déli fez apelos ao diálogo e à diplomacia e a um fim rápido do conflito. O país acredita que a guerra coloca em risco a estabilidade regional e a segurança de milhares de cidadãos indianos que vivem e trabalham na região do Golfo. O PM Narendra Modi discursou para os países do Golfo e criticou os ataques retaliatórios contra seus territórios, sem mencionar o Irã.

Modi realizou uma visita de Estado a Israel no final de fevereiro de 2026, dias antes do conflito. Em seu discurso no Parlamento israelense, Modi afirmou que a Índia está ao lado de Israel, firmemente, neste momento e no futuro. Modi e Netanyahu assinaram diversos acordos comerciais nas áreas de inovação, IA, agricultura, defesa, setores em que colaboram há muito tempo. Durante a visita, Modi disse que os dois países elevaram sua parceria de longa data a uma Parceria Estratégica Especial.

Reações de alguns países do golfo-BRICS que sofreram retaliações em seus territórios

O Irã vem atacando os países árabes vizinhos que abrigam bases americanas como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (EAU) embora seus mísseis também tenham atingido infraestruturas petrolíferas e energéticas e instalações civis, como aeroportos, hotéis e áreas residenciais.

Na declaração conjunta divulgada após o encontro realizado em Riad, na Arábia Saudita, no dia 19/3, chanceleres de doze países árabes e islâmicos exigiram a interrupção imediata da ofensiva iraniana contra as nações vizinhas e que Teerã cessasse o apoio, financiamento e armamento de milícias afiliadas em países árabes[1,2].

O chanceler da Arábia Saudita, o príncipe Faisal bin Farhan Al Saud, disse após a reunião que prefere uma solução diplomática e deixou claro que não permitirá que o país seja usado para lançar ataques contra o Irã.

Nos Emirados Árabes Unidos (EAU), mais de 1.700 mísseis e drones foram disparados desde que a guerra começou sendo que 90% deles foram derrubados por interceptores, aviões de caça e helicópteros. Os Emirados também proibiram o uso de suas bases militares ou espaço aéreo caso um ataque ao Irã prosseguisse.

Até 24/3, os Estados do Golfo haviam decidido não retaliar e se manter fora do imbróglio uma vez que não se veem como parte dessa guerra, mas como meros expectadores, contudo no dia seguinte, os Emirados, Arábia Saudita, Bahrein e Catar mudaram de ideia e emitiram um

[1] Há anos, o Irã vem apoiando grupos extremistas da região e que fazem parte do autodenominado Eixo da Resistência. O "eixo" coordenado pelo regime iraniano é predominantemente formado por milícias xiitas e tem entre os pilares principais Hezbollah (Líbano), Houthis (Iêmen), Hamas (o único sunita, Gaza) e facções de apoio no Iraque que operam sob a égide da chamada "Resistência Islâmica no Iraque" cujo grupo mais proeminente é o Kataib Hezbollah (Brigadas do Partido de Deus) e na Síria.

[2]https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/03/19/paises-oriente-medio-condenam-ataques-ira-pare-de-financiar-grupos-extremistas.ghtml

alerta de que, se até o final da semana se mantiverem os ataques iranianos, adotarão uma participação ativa na guerra.

Apesar das expectativas do Oriente e do Ocidente, o fato do não ter havido um posicionamento conjunto dos BRICS, não deveria causar surpresa, uma vez que está explícito na própria estrutura do grupo. A dificuldade vai além dos laços individuais dos membros com os EUA ou Israel e repousa na rivalidade estrutural entre o Irã e as monarquias conservadoras do Golfo, como a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU), ambos membros do BRICS.

A Arábia Saudita e suas monarquias-irmãs são parceiras de Washington e o Irã se opõe aos EUA desde a Revolução Islâmica de 1979. Além disso, se antes do início da guerra, Arábia Saudita e Emirados vinham caminhando para uma relação cada vez mais antagônica, depois da conflagração, os dois países foram obrigados a se unir por uma estabilidade regional. O antagonismo se explica porque, embora os países muçulmanos defendam a solidariedade panislâmica, enfrentam contradições sectárias, desconfiança mútua, interesses nacionais distintos, dependência dos EUA[3] e relutam em se deixar arrastar para outra guerra de consequências imprevisíveis.

Os governos árabes tiveram dificuldades de agir coletivamente inclusive sobre a questão Palestina. Não houve resposta árabe unificada em relação à campanha militar de Israel em Gaza em reação ao terrível ataque do Hamas a Israel em outubro de 2023. Os Emirados que haviam normalizado as relações com Israel sob os Acordos de Abrahão, mantiveram esses laços. Já a Arábia Saudita vem adotando posições firmes e solidárias aos direitos do povo palestino em diversos fóruns internacionais. O Reino afirmou que não interromperá seu trabalho em direção ao estabelecimento de um estado palestino independente com Jerusalém Oriental como sua capital, e afirmou que não estabelecerá relações diplomáticas com Israel até que isso aconteça[4].

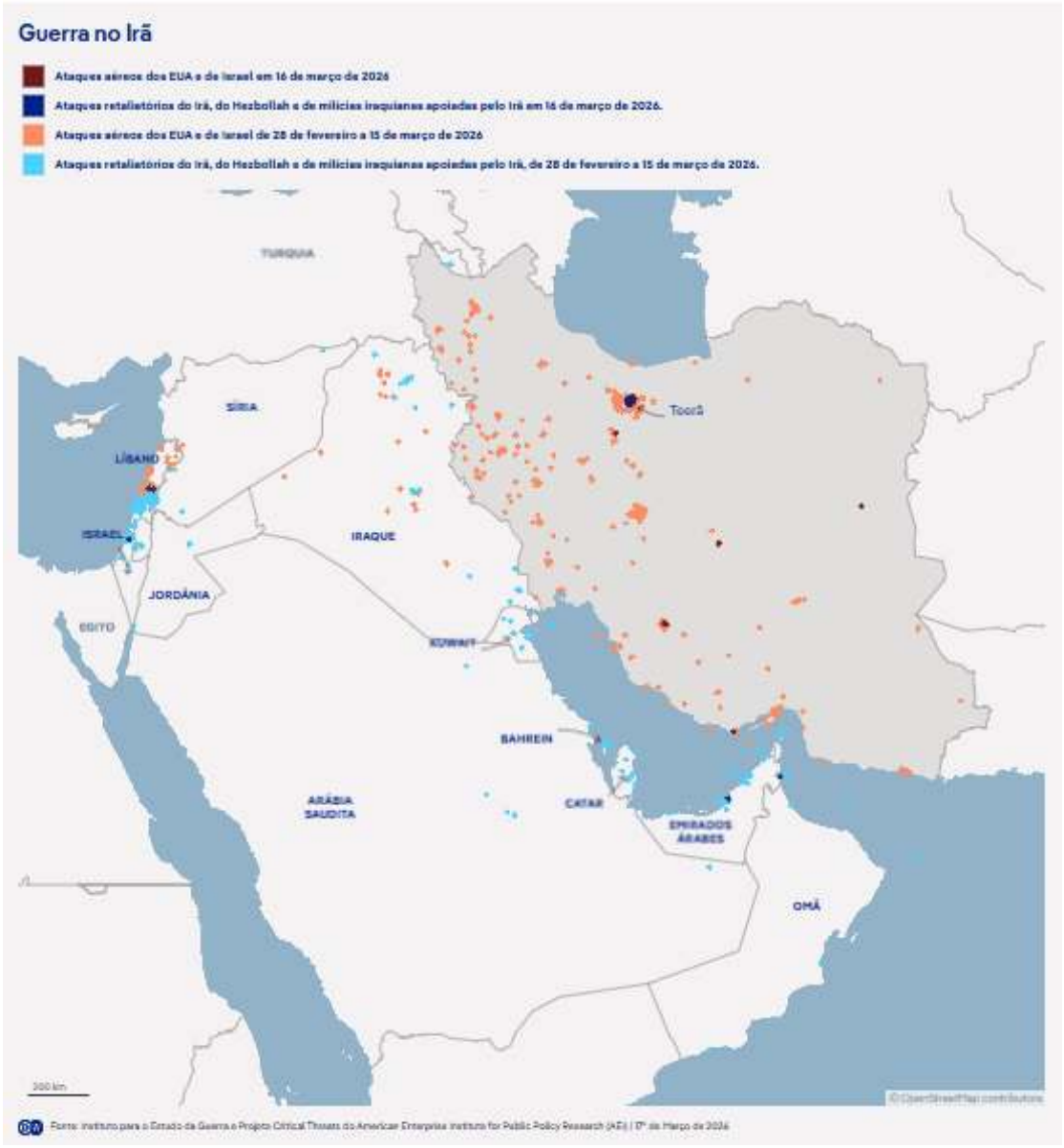
O panislamismo pode ser representado pela Organização de Cooperação Islâmica (OCI) que reúne 57 estados de maioria muçulmana e produz comunicados repletos de expressões de unidade. No entanto, a realidade política do mundo muçulmano conta uma história diferente: Irã e Iraque travaram uma das guerras mais longas do século XX; Líbia e Sudão são campos de batalha para potências rivais de maioria muçulmana e Arábia Saudita e Irã têm mantido uma rivalidade prolongada por meio de *proxies* em toda a região. Hoje esse conflito entrou em mais uma fase, à medida que o confronto do Irã com as monarquias do Golfo se intensifica.

Se formos comparar, o BRICS segue a mesma trajetória que aquela organização. O grupo foi construído sobre aspirações comuns definidas em termos mais amplos possíveis e isso não é suficiente para produzir uma ação unificada em um conflito de grande escala. A Índia, presidente do grupo conversou com o chanceler do Irã durante a crise, não para organizar uma resposta coletiva, mas para garantir a segurança do transporte marítimo indiano pelo Estreito de Hormuz. Isso mostra que quando a solidariedade colide com o interesse nacional, esse último prevalece.

[3] Forças iranianas realizaram ataques precisos que danificaram ou destruíram radares estratégicos dos EUA no Golfo Pérsico e arredores, impactando a capacidade de vigilância americana na região. A operação foi descrita como uma tentativa de cegar o sistema de defesa antimísseis dos EUA e seus aliados.

[4] As posições firmes do Reino da Arábia Saudita sobre a questão palestina decorrem da luz do Rei Abdulaziz – União das Agências de Notícias da Organização dos Países de Cooperação Islâmica

Imagem 1 – Ataques dos EUA-Israel e retaliações do Irã



Tudo aponta para que o BRICS continue operando como um fórum para coordenação econômica, financeira, social e diplomática entre estados-membros. De fato, a própria diversidade do bloco pode continuar sendo uma de suas forças. Além disso, as crises podem gerar oportunidades para uma cooperação mais profunda.

A guerra do Irã apontou vulnerabilidades nas áreas de energia, segurança marítima, segurança alimentar, interrupção da cadeia de suprimentos e a contínua instrumentalização de sanções, que só reforçam os antigos apelos das economias emergentes por maior autonomia financeira, busca de notas rotas marítimas regionais, entre outras. Nesse ambiente, os países BRICS podem encontrar incentivos para acelerar o desenvolvimento de infraestrutura financeira alternativa como o uso de moedas locais no comércio, o fortalecimento de mecanismos de financiamento ao desenvolvimento e a construção de sistemas paralelos de liquidação financeira podem ganhar ímpeto se as tensões geopolíticas continuarem.

Considerações finais

Na crise atual do Irã, enquanto a Rússia, a China e o Brasil condenaram os ataques dos EUA e de Israel contra o Irã, outros membros, como a Índia e algumas nações árabes, adotaram uma postura neutra ou mais cautelosa.

Quando a Rússia foi sancionada pelos EUA durante sua operação militar na Ucrânia, os países do BRICS adotaram uma postura de neutralidade pró-Rússia. Com exceção do Brasil[5], abstiveram-se em votações na ONU de resoluções que condenavam as ações da Rússia, e nenhum dos BRICS adotou sanções econômicas contra o país, optando por uma diplomacia equilibrada. O grupo defendeu o diálogo e a soberania, sem isolar Moscou.

Já quando a guerra de doze dias entre Israel e Irã eclodiu em junho de 2025, o bloco então presidido pelo Brasil foi rápido em afirmar que os ataques conjuntos EUA-Israel contra o Irã eram uma violação do direito internacional.

Essa guerra deixou claro, mais uma vez, que o BRICS não irá agir de forma consolidada nas questões mais urgentes da geopolítica e da segurança global. Isso porque o grupo está longe de ser uma aliança nos moldes da OTAN, que criou um sistema de segurança coletiva no qual, se um país-membro é atacado, os outros o defendem.

O Irã anunciou que o estreito de Hormuz iria permanecer aberto aos aliados do Irã. Embora a guerra gere um pânico de curto prazo em relação aos combustíveis fósseis, ela também destaca a necessidade urgente dos BRICS acelerarem a transição para as energias renováveis, a fim de garantir a segurança energética a longo prazo.

A vulnerabilidade do fornecimento de energia às flutuações do mercado baseado no dólar está impulsionando uma mudança mais rápida para o pagamento do petróleo em moedas locais (real, rublo, rupia, renmibi, rand,...) entre os membros do BRICS.

A crise impulsiona propostas para uma plataforma de pagamentos dos BRICS, visando reduzir a dependência de sistemas financeiros ocidentais como o SWIFT e, ao mesmo tempo, garantir resiliência contra sanções.

O BRICS não pode e não deve se tornar um bloco político-militar. É precisamente por isso que atualmente é incapaz de defender a Venezuela, o Irã ou Cuba. No entanto, o grupo continua sendo a única plataforma realista capaz de reunir os recursos de uma parcela substancial da humanidade que se recusa a viver sob o domínio do capitalismo americano. Mas isso exige um organizador e integrador, e somente a China pode desempenhar esse papel. Mas será que ela está disposta[6]?

[5] O Brasil mostrou um posicionamento oscilante. Em março de 2022, votou a favor da resolução que condenava a invasão, e em outubro do mesmo ano votou contra a anexação de territórios. No entanto, em votações sobre a paz no início de 2026, absteve-se, buscando atuar como mediador e mantendo laços comerciais com a Rússia.

[6] https://bricscouncil.ru/en/analytics/briks-i-buduschee-geopolitiki-novye-vyzovy-dlya-mnogopolyarnoy-diplomatii